

Invicta *cinne*

ANO X

N.º 166

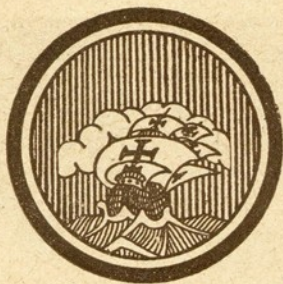


SOFIA BOZAN

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c^{os}



Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECCÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACITOR PRINCIPAL:
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 166
PORTO
23 DE ABRIL
1932

REDACTORES:
LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO
NOVA-YORK: ARTUR COELHO
BERLIM: SIMON HAIMOVICI
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG
COLABORADOR ARTÍSTICO:
FERNANDO LACERDA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.- PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITE

A NOVA SECÇÃO DE
PORCELANAS

DA CHINA E DO JAPÃO

RADIO-PORTO

156 -- AVENIDA DOS ALIADOS -- 162

Uma imagem do filme mudo português «Campinos» que António Luiz Lopes realizou. «Campinos» será apresentado a público muito em breve num cinema da capital. A princípio pensára-se em sonorizar este filme, num estúdio estrangeiro, como se fez com «A Severa», mas as despesas que isso acarretava fizeram o seu realizador desistir dos seus propósitos.



CINEMA PORTUGUÊS

Já esperávamos — sem reservas o dizemos — que a referência feita no nosso número anterior, sobre a constituição da *Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses*, provocasse grande entusiasmo entre os nossos inúmeros leitores como esperávamos, também, que ao nosso apêlo, pedindo a todos que se subscrevessem como acionistas da nova Sociedade, correspondesse um movimento de boa vontade. Na nossa frente amontôa-se um sem número de correspondência, datada de tódá a parte, sôbretudo do norte do país. Não brigou, com alegria o dizemos, o regionalismo nortenho com o regionalismo do sul; a iniciativa é portuguesa e para portugueses. . . assim devia ser e assim o compreenderam os que pela Sociedade se interessaram e estão interessando.

São já bastantes os subscritores e são inúmeras as perguntas que nos fazem a propósito dos trabalhos e outras particularidades da Sociedade, assuntos estes que não perdem por uma pequena demora na resposta mas aos quais prometemos referência e elucidação, a seu tempo.

Não julguem os nossos leitores que a *Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses* — mais uma vez o dizemos — seja apenas uma ideia apregoada por uns tantos visionários, mas que difficilmente seja posta em prática. Não! pois todos os que ocupam nela os primeiros cargos são homens inteligentes, de elevada cultura, honestos e empreendedores, que não se abalançavam a pôr em prática um propósito sem previamente terem analisado as suas possibilidades, os seus êxitos e os seus fins. Tudo nos leva a crer que a Sociedade marcará uma actividade fecunda para um grande público, pois está previamente medido o alcance da iniciativa, a qual conta, o que não podia deixar de ser, que todos os portugueses lhe prestem a sua leal e interessada cooperação, tornando-a uma obra nacional, uma obra altamente patriótica. A todos cumpre dar-lhe o maior incitamento, reconhecidos os seus alevantados intuitos, para que aos seus dirigentes não os tome qualquer desalento ou pessimismo, acorrentados por falsas profecias e para que a sua obra se transforme num legítimo orgulho de portugueses.

Por julgarmos de interesse publicamos a seguir os nomes das entidades que constituem os corpos gerentes da Sociedade, e que são:

Conselho de Administração

DR. ANTÓNIO FONSECA, Administrador-delegado; DR. ARTUR CAMPOS FIGUEIRA, DR. CAETANO MARIA BEIRÃO DA VEIGA, DR. HILDÉRICO CARDOSO INÁCIO TEIXEIRA E DR. RICARDO JORGE.

Conselho Fiscal

FAUSTO CARDOSO DE FIGUEIREDO, presidente; DR. ANTÓNIO JUDICE BUSTORFF SILVA, DR. TITO CASTELO BRANCO ARANTES, vogais.

Mesa da Assembleia Geral

DR. MÁRIO DE MIRANDA MONTEIRO, presidente; DR. ANTÓNIO HORTA E COSTA, JOSÉ CARLOS SANTOS, secretários; ANTÓNIO DA COSTA CARVALHO E RAUL DE OLIVEIRA, vice-secretários.

Conselho de Produção

REPRESENTANTE DO GRANDE BAZAR DO PÔRTO LIMITADA, ANTÓNIO FERRO, DR. ANTÓNIO FONSECA, Administrador-delegado; EDUARDO CHIANCA DE GARCIA, JOÃO ORTIÇÃO RAMOS, JOSÉ ANGELO COTTINELLI TELMO, JOSÉ LEITÃO DE BARROS, Director artístico e ROQUE DA FONSECA.

Dos Estatutos da Sociedade transcrevemos no número anterior alguns artigos e parágrafos, que directamente interessavam os subscritores. Hoje transcrevemos, a título de curiosidade e para conhecimento do público, outros artigos e parágrafos que reconhecemos de interesse:

Artigo 3.º — A Sociedade tem por objecto a realização de tódas as operações comerciais e industriais directa ou indirectamente ligadas à produção e exploração de filmes cinematográficos sonoros ou outros, tanto por conta própria como em comissão ou representação alheia.

Art. 8.º — A Sociedade é administrada por um Conselho de administração composto de cinco membros eleitos trienalmente pela Assembleia Geral.

§ 1.º — O Conselho de administração terá um presidente que será o Administrador-delegado.

§ 2.º — Os membros do Conselho de administração prestarão caução do seu mandato depositando duzentas acções nos cofres

da Sociedade. As suas funções são remuneradas nos termos do art. 19.º destes estatutos. O Administrador-delegado, além das percentagens estabelecidas no referido artigo terá a remuneração que fôr fixada pelo Conselho de administração.

§ 3.º — O Conselho reúne-se ordinariamente todas as meses e extraordinariamente sempre que fôr convocada pelo Administrador-delegado ou por dois dos seus membros.

Art. 10.º — Ao Administrador-delegado, além das funções inerentes à sua qualidade de presidente do Conselho de administração, compete especialmente:

a) — Submeter à aprovação do Conselho de administração, depois de convenientemente estudados e orçamentados, todos os projectos de produção, bem como todos os planos de exploração comercial e industrial da Sociedade.

Art. 12.º — Haverá um Conselho de produção composto pelo Administrador-Delegado, o Director artístico e mais seis accionistas nomeados pelo Conselho de Administração.

Art. 13.º — Ao Conselho de produção compete:

a) — Fixar as directrizes gerais das obras que devam ser produzidas.

b) — Pronunciar sobre tôdas as propostas que lhe forem apresentadas pelo Director artístico.

c) — Dar o seu parecer em todos os assuntos sobre que fôr consultado pelo Director-delegado.

§ único — O Conselho reunir-se-á sempre que fôr convocado pelo Administrador-delegado ou pelo Director artístico.

Art. 14.º — Compete ao Director artístico:

a) — Apresentar os planos gerais das obras que devem ser produzidas.

b) — Propôr os colaboradores necessários à realização de cada filme e sugerir as providências tendentes a assegurar a sua mais perfeita execução.

c) — Alvitrar tudo o que julgar conveniente para o aperfeiçoamento dos serviços artisticos e técnicos da Sociedade.

d) — Superintender, no ponto de vista artístico, na realização das produções e fiscalizar, dirigir e facilitar a obra dos realizadores, dentro do plano aprovado para cada filme, quando não fôr êle o contratado para o desempenho dessa função.

§ único — O Director artístico é nomeado pelo Conselho de administração e terá a remuneração que êste lhe fixar, além da percentagem que lhe atribui o art. 19.º dos estatutos.

Entre as cartas que temos na nossa frente uma há que necessita de imediata resposta.

Diz-nos o nosso inquiridor que não se compreende que sendo o capital da Sociedade mil contos, dividido em 20.000 acções de Esc. 50\$00, se possam designar os subscritores destas primeiras 20.000 acções como fundadores. Que tal redacção sugere que além de accionistas fundadores existe outra categoria, o que não tem razão de ser, visto as 20.000 acções a 50\$00 darem precisamente os mil contos de capital, ou então que a quantidade das acções devia achar-se dividida em duas partes, o que certamente não fizeram, por lapso.

A estas advertências, que parecem ter um justo raciocínio, elucidamos:

— Mil contos é o capital inicial, divididos em 20.000 acções, e os subscritores destas é que são considerados os accionistas fundadores; mas os Estatutos no seu parágrafo 3.º, do Capítulo II (capital social) dizem: — «O Conselho de administração, quando o julgar conveniente poderá elevar, por uma ou mais vezes, o capital da Sociedade até dois mil contos.»

Ora, é nesta elevação de capital, se ela se der — o que é natural —, que estão incluídas as outras categorias dos accionistas.

Fica assim esclarecido o nosso inquiridor e todos aqueles que como êle, tenham feito semelhante reparo a um aparente lapso.

T O M A Z D ' A L E N C A R .

LEITÃO DE BARROS

Fala dos projectos da S. F. S. P.

Depois de alguns telefonemas inúteis e de várias tentativas infrutíferas, consegui encontrar Leitão de Barros na redacção do *Ilustrado*.

Acabava de almoçar, e como tivesse de sair em seguida, pediu-me que esperasse um momento, pois mesmo na rua, de caminho para o liceu Camões, me concedia uma entrevista.

Dadas umas últimas ordens saímos.

Leitão de Barros é o ideal dos entrevistados. Não é necessário fazer-lhe perguntas amiúde. Começa a falar, logicamente, segundo uma directriz rapidamente traçada, dizendo tudo, adivinhando as perguntas e isto continuamente, sem uma hesitação, sem uma pausa.

— Quais os projectos da S. F. S. P.?

Formulada a pergunta, Leitão de Barros começa:

— Primeiramente deixe-me dizer-lhe que sou absolutamente indiferente a todos os boatos derrotistas, a tôdas as mentiras que malévola mente se possam inventar para aí. A mim, interessa-me uma única coisa: a arte cinematográfica.

Assim como dantes me interessava pintar no meu atelier, agora interessa-me fazer cinema. E para fazer cinema é necessário que haja uma oficina.

E' isso o que a S. F. S. P. vai construir imediatamente.

Naturalmente que não vai construir um grande estúdio, mas sim acrescentar uma dependência ao que já possui.

Não julgue você, no entanto, que êste estúdio é unicamente para mim. Não! Estará aberto a todos quantos queiram trabalhar.

A própria S. F. S. P. conta desde já, além de mim, com mais dois homens que realizarão: António Lopes Ribeiro e o seu conterrâneo Manuel de Oliveira.

Estou certo, absolutamente certo, de que havemos de triunfar. Os portugueses adaptam-se facilmente e assimilam com rapidez.

Ora nós temos um operador de tomadas de vistas tão bom como qualquer bom técnico alemão ou francês; temos como director de som um engenheiro tão competente como os que trabalham na Ufa ou em qualquer outra das boas casas produtoras; e temos material em nada inferior ao dos estúdios de Berlim ou de Paris.

— Quais são os temas para os primeiros filmes a realizar?

— Não sei ainda bem. Depende tudo das resoluções tomadas pelo Conselho de Produção. Sim, porque não sou eu o único a dirigir.

Há no entanto vários projectos, que, caso não tenha realização imediata, tê-la-ão todavia mais tarde:

São: *As Pupilas do Senhor Reitor*, e um filme desportivo, alegre, no género do «*Le roi des Resquilleurs*...»

— *A varanda dos rouxinóis?*

—... sim. Talvez seja *A varanda dos rouxinóis*. Enfim, não sei por qual dêles o Conselho de Produção optará em primeiro lugar, não sei mesmo se se decidirá por qualquer outro.

(Continúa na última página)

Excêrto dum livro sôbre Charlot ⁽¹⁾

As razões porque êle (Charlot) nos faz rir não são para todos, nem sempre as mesmas. A campanha que na América se levantou por ocasião do seu divórcio, explica-se pela razão de que êle não beneficia lá da grande e terna simpatia que nós lhe consagramos. Para as mulheres, êle não vale nada (representa zero dollar) e para os homens é um falhado, um inapto nos negócios e na vida moderna. Riem-se dêle, mas desprezando-o. Acham que diverte como um palhaço e isso é tudo.

De certeza, tôda a gente gosta de Charlot, como eu usei afirmar? Há excepções. Uma mulher bonita, disse-me um dia que não gostava dêle. Há sempre vontade de concordar com as mulheres bonitas. Primeiro, porque elas são bonitas e segundo, porque quando elas falam olhámo-las mais, do que prestamos atenção ao que dizem. Mas êste é outro caso; trata-se duma mulher bastante inteligente. E eu constatei que ela não gosta muito do côco, das calças caídas e das suas maravilhosas gingadelas.

As suas facécias desagradam-lhe... Efectivamente êle hoje podia marcar sem deixar de ser quem é.

Quando há quatro anos o grande mimo Léverni, cujo nome era apenas citado no programa, apareceu no palco do « Empire » disfarçado, todos os espectadores sem hesitação, gritaram: — Pierrot!

Da mesma maneira, seria fácil a Charlot, dar um passo mais para a verosimilhaça que desejam as mulheres bonitas para o amar. Eu não creio que êle fôsse mais real. Mas, se êle assim não faz, é com certeza pelo medo de limitar a fantasia que o tornou popular.

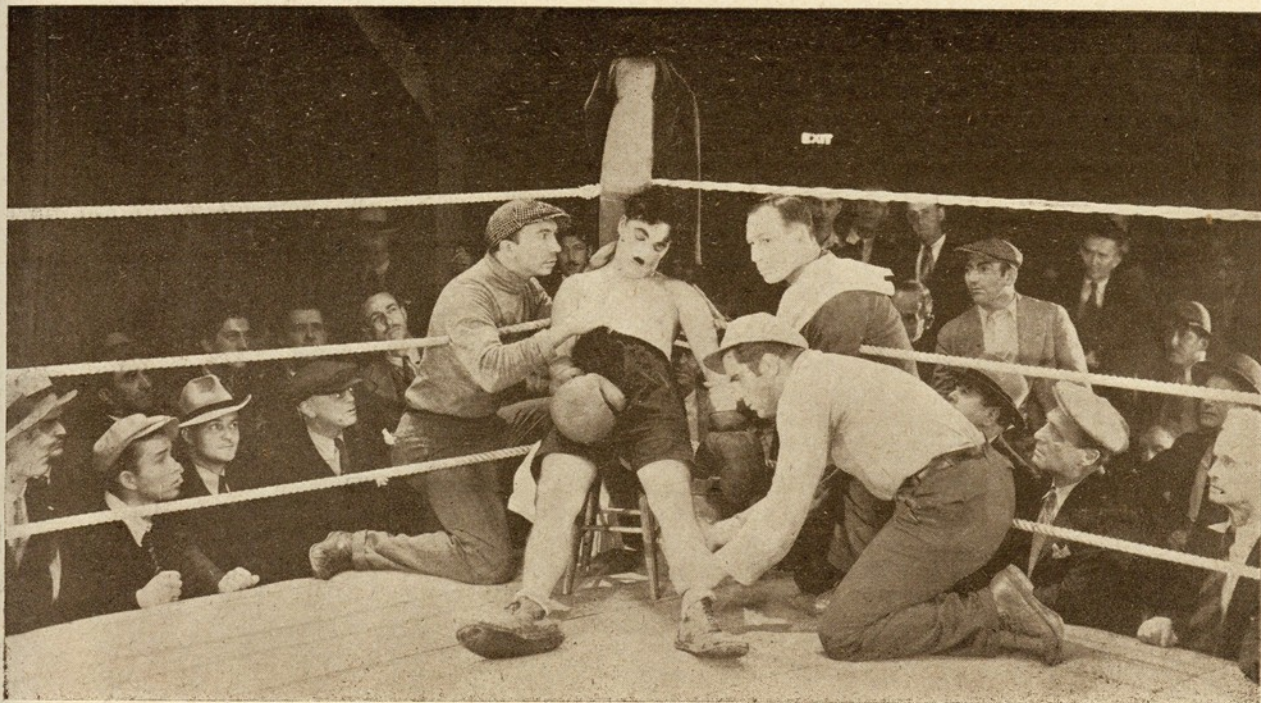
Era necessário chegar a isto para concluir esta reflexão que eu tenho evitado até aqui:

O Garoto de Charlot é a inutilidade e a estupidez duma instituição como a assistência pública, em relação à dedicação dum pobre diabo. — *Vida de Cão* é a autoridade ferindo um coração sincero. — *Charlot nas Trincheiras*, é a desgraça dum pobre homem arrastado para a horrível máquina de guerra. — *O Peregrino*, é contra os hipócritas, tão grandes como Tartufo. — *A Opinião Pública* um terrível processo e contra a pseudo-moral que persegue os que têm a triste sorte de escorregar, em lugar de socorrê-los. Em tôda a parte o absurdo da lei demonstrado e o eterno quadro da incôrência da sociedade, oprimindo o pobre, o simples e bom. Em tôda a parte ainda a louca cubiça dêsse homem por todos os bens possíveis, aos quais êle acha que a pureza do seu coração e a sua inegável inteligência, são os mais sagrados direitos.

Eu retardei estas revelações para não vos espantar logo de princípio. Mas, por muito que eu seja um grande devoto do meu herói a minha consciência obriga-me a apontar os perigos que êle corre: voluntária ou involuntariamente, Charlot é um pouco bolchevista e um dia os russos canonizá-lo hão. Ele não é isso, bem entendido; mas não procurem a razão mais decisiva a seu favor, entre as multidões do mundo inteiro, sempre reduzidas pelo ideal destas doutrinas. Charlot é a transposição socialista de Pierrot. E' um Figaro retocado por Tolstoï ou Gorki. Terminarei explicando a sua acção por um dom particular da sua raça: Charlot, como eu disse nas primeiras páginas, é israelita.

Na América apelidaram-no de « le petit youpin frisé ».

(1) Collection Hollywood, Rue Dupuytren, 9 Paris.



Uma imagem do famoso filme de Charlot, « Luzes da Cidade », que brevemente a firma Castelo Lopes, Limit., nos vai apresentar.

De hoje a oito dias já teremos madrinha!

A eleição da nossa madrinha está por pouco!

Na próxima quarta-feira todo o «estado maior» da *Invicta-Cine* reunirá em conselho para apreciar o resultado da eleição, e solenemente será considerada para sempre nossa madrinha a artista que maior número de votos tiver colhido.



Anny Ondra (à esquerda)
Janet Gaynor (ao centro)
Kathe de Nagy (à direita)
três candidatas ao título de
madrinha da «Invicta-Cine»

Quem vencerá?

eleitores é cada vez maior. Esta semana o Amok viu-se maluco para dar conta do recado tal foi o número de cartas que caiu sobre nós! Cartas com o simples nome duma estrêla, cartas com um rosário de elogios enaltecendo a graça e a beleza duma artista, enormes, cheias de graça algumas, fazen-



Desde logo começaremos organizando um número de homenagem à «estrêla» eleita, um número que sairá daqui por quinze dias, um número de festa, um número em que a nossa Madrinha resurgirá em tôdas as páginas, ora sorrindo para vocês, ora fazendo caretas, ora fazendo biquinho de amuada, ora olhando-vos com olhitos atrevidos e gaiteiros. Mas daqui até quarta-feira ainda aceitamos votos... e daqui até quarta-feira bem grande luta eleitoral se pôde ainda travar!... O número das candidatas e de

do «blague» por vezes muito espirituosa à volta da eleição da nossa madrinha. Por essas cartas, que vamos colecionando, notamos que ultimamente um grupo de eleitores encheu-nos a caixa do correio com votos pela Kathe de Nagy e pela Janet Gaynor. Mas a luta eleitoral está tomando aspectos definitivos. Anny Ondra e Lilian Harvey vão à frente de tôdas e uma delas será certamente a vencedora. Mas qual delas? A's vezes há surpresas e vocês, os que não votaram, ainda têm quatro dias para mandarem o vosso sufrágio...

Casa Estilo de Londres

(LONDON STYLE)

RUA 31 DE JANEIRO, 227 — PORTO

TELEFONE, 683

ALPAIATARIA PARA HOMENS E SENHORAS
ATELIERES DE MODISTA DE VESTIDOS E CHAPÉUS
MODAS E CONFECCOES

M. CRUZ & C.^A

Os grandes galãs da tela

Desde os tempos do saúdoso Valentino, tem passado pelos nossos écrans um grande número de galãs de renome. No entanto, nenhum dêles ainda conseguiu igualar o formidável «appeal» de Rudy. Rodolfo Valentino, viveu numa época em que o cinema ainda pouco mais dava que os primeiros passos, e por conseguinte, o seu valor inconfundível, ainda se tornou mais digno de admiração. Valentino, soube criar o verdadeiro modelo de galã romântico. O artista mais querido das mulheres, era um D. Juan simples, despretencioso, e despido de cinismos. Valentino foi o grande escultor do cinema visto pelo lado do sentimentalismo. A sua morte prematura, não permitiu que Rodolfo atingisse o seu máximo. Foi necessário que êste intérprete do amor tivesse morrido, para lhe fazerem a devida justiça.

O *Filho do Sheik*, *Os Quatro Cavaleiros da Apocalipse*, *Monsieur Beaucaire*, *A Águia Negra*, ficaram a atestar o poder interpretativo do mologrado Valentino. Ainda ninguém esqueceu a sua actuação esplêndida no filme *Sangue e Areia*, a sua última produção, não obstante nessa altura, já se encontrar bastante doente. Poderão vir os talentos mais peregrinos, que Valentino dificilmente será sobrepujado.

Vieram depois, Ivan Mosjoukine, Ramon Novarro, John Gilbert, John Barrymore, Clive Brook, Clark Gable e muitos mais.

Ivan Mosjoukine, foi o galã que durante bastante tempo teve a maioria da preferência das cinéfilas portuguesas. De facto, o conhecido actor russo surpreendeu-nos várias vezes com algumas interpretações soberbas. *Miguel Strogoff*, *Casanova* e *Le Rouge et le Noir*, estão nesse número. O género de galã aventureiro teve neste extraordinário artista, um dos seus melhores intérpretes.

Ramon Novarro, apesar de todos os optimismos, aparte *Ben-Hur*, ainda não nos conseguiu apresentar trabalho digno de realce e compatível com a fama que usei. Todos os seus trabalhos são muito regulares, na maneira como êle desempenha os papéis, que lhe são distribuídos, não conseguindo ter um filme que consiga fugir além da vulgaridade.

Bem sei que esta opinião encontrará muitos con-

traditores, no entanto, a minha opinião pessoal é que, Ramon Navarro vive cercado duma aureola, que êle raramente consegue confirmar.

John Gilbert, um dos galãs mais em evidência no cinema mudo, viu, com o advento do sonoro derriuir quasi por completo tôdas as suas

aspirações. E pena foi, pois John apesar da igualdade dalgumas interpretações, teve alguns filmes que agradaram em absoluto. *Grande Parada*, *Cossacos* e o célebre filme *Demônio e a Carne* em que compareceu com Greta Garbo, podem servir de exemplo.

John Barrymore é, um dos galãs que eu mais aprecio. O superior intérprete do D. Juan procurou criar uma personalidade própria, no género a que se dedicou. Barrymore, é sem sombra de dúvida, um dos artistas que mais brilho soube emprestar ao cinema. Mas, a idade não perdôa, e Barrymore já hoje não consegue ser o talentoso intérprete que tão superiores trabalhos conseguiu apresentar.

Clive Brook que apareceu nas nossas telas há bem poucos anos, é um artista que se impõe pela naturalidade com que enfrenta a objectiva. O grande «astro» britânico, em cada trabalho apresentado, cada vez mais assegura a bôa impressão primitiva.

Vidas Tenebrosas, o primeiro grande filme de Clive, deu-nos logo uma medida das excepcionais qualidades dêste simpático galã.

Hula, em que contracenou com a endiabrada Clara Bow, *Interferência*, e êsse maravilhoso filme, *Caras Esquecidas* e *As Quatro Penas*, foram outros tantos triunfos de Clive Brook. Este artista é um dos que mais futuro tem à sua frente. Esperamos com natural anciedade *Shanghai Express*, onde Marlène e Clive nos darão, temos a certesa, mais um ensejo de apreciar o seu invulgar talento. Clive Brook pertence à falange daqueles que não recorrem a exhibicionismos para se insinuarem no conceito do público.

Clark Gable, é um novo astro que desponta, mas que já tem um nome bastante destacado. O seu tipo pertence ao género de Bancroft, ao daqueles artistas que dão a sensação da rudeza, mas que nem por isso, deixam de ser românticos. Muitos apontam-no como sucessor de Valentino, mas, se bem que nesta apreciação haja um pouco de exagêro, o facto é que, Clark Gable, é actualmente uma das maiores atracções da M. G. M. Esperemos pelo filme *Susan Lenox* para podermos formar uma opinião segura. Além dêstes galãs houve e há muitos mais. Lars Hanson, o soberbo actor sueco, Richard Arlen, o apreciável artista das *Quatro Penas*, Victor Mac Laglen, que ainda há pouco vimos em *Fatalidade* e muitos mais que é óbvio enumerar. Muitos dêles com o início do Sonoro viram consideravelmente diminuidas as suas qualidades artísticas, sendo afastados por êsses galãs género Maurice Chevalier. Mas há outros que ainda têm muita glória a alcançar, e para isso basta que, não sejam prejudicados pelo comercialismo dos norte-americanos. Temos um exemplo frisante em Robert Montgomery, que há dias vimos em *Inspiração*, e que produziu um trabalho infelicissimo. E qual a razão? A eterna mania dos yankees, quererem precipitar a carreira da maioria dos artistas.



John Gilbert
Uma vítima do sonoro



Clive Brook
Um dos artistas a quem
o advento do sonoro foi propicio.



William Haines

William Haines

O jovem que venceu Hollywood com o seu optimismo

Os papéis de galã, no cinema, restringem-se, na maioria, ao limitado raio de «partenaire», amoroso dum bela artista, pondo em evidência um excelente fisico de talhe apolíneo ou dotes predominantes de amante e conquistador. E assim desfilam tantos artistas baseado nêstes «accessórios» apenas e que os caracterizam na generalidade.

Sem um esforço marcante que nos dê uma personalidade frisante, seguem automaticamente o fio do personagem que representam no «cenário», agradando somente e sempre porque a figura que lhes coube só por isso já têm algum interêsse. O «metteur em scène» ordena e êles vão seguindo insensivelmente quasi, sem vibração íntima mesmo, o desenrolar da acção, mexendo-se para aqui, andando para acolá, beijando assim ou abraçando assado.

E nunca conseguem enraizar um pouco da sua alma, nos milhares de metros que os impressionam. Eis porque muitas das vezes se nota uma grande diferença entre os trabalhos dum actor. E' que êle não vale por si, mas sim pelos papéis que interpréta. O mesmo não se dá com aquele que insufla a sua alma de artista de talento, na actividade ante a «camera». A actuação acusa variantes: a diferença dos papéis de filme para filme; mas há sempre qualquer coisa de positivo e inmutável nela — é a personalidade. O papel a desempenhar será inconsistente, mas a atenção que nos merece o intérprete é todavia sempre a mesma, porque a sua personalidade se acha latente e isso basta para nos prender.

Tal é o caso de William Haines. Os seus papéis são invariáveis e êle é sempre agradável pela sua maneira especial e inconfundível.

Individual, tipo muito seu e naturalmente inato, Haines patenteia-nos sempre num temperamento im-

pulsivo, leviano, mas duma profunda humanidade tôda sentimental, a que não são indiferentes os melhores sentimentos, mesmo o de reconhecer o seu próprio carácter tão arrebatado.

Eis o William Haines no écran. Vamos agora vêr o da vida privada, desde o seu aparecimento no mundo à actividade cinegráfica.

*

Segundo os biógrafos estrangeiros William Haines nasceu a 1 de Janeiro de 1900 — ao despontar portanto do século actual. Devia ser pois o menino enviado como mensageiro alacre dêste século fantástico que faz irritar os nossos avós «botas de elástico» e intransigentes conservadores dos velhos e caricatos costumes de há trinta anos.

Quis o acaso, êste terrível acaso que não faz com que nos apareça uma oportunidade de ir passear até Hollywood confortavelmente, nem nos traz uma noiva a trasbordar de dinheiro, que êle fôsse filho dum grande comerciante do Estado de Virginia. Estava bem de ver, o pai por uma natural questão de vaidade e rabugice própria dos papás, tanto mais que fizera a sua fortuna entre o grosso das mercadorias, devia infalivelmente destinar o mesmo officio. Mas, o William é que não foi nisso... O seu temperamento irrequieto, a sua fantasia duma expansão tremenda e babilónica, pediam muito mais do que o monótono encargo de aturar clientes e da aldrabice comercial.

Deu em magicar sósinho por todos os cantos, tal e qual vocês o vêem nas fitas, com os cotovelos apoiados nos joelhos; e começou a alvejar o cinema. Que diabo! Era uma ideia soberba, ser actor de cinema! Foi pensar e fazer.

Um dia abalou com alguns dollars nos bolsos e uma pequena mala de mão. Vocês calculem a cara que deveria ter feito o pai, a dar pela deserção do rapaz...

Não sei se já repararam, a história agora é quasi como tôdas as outras dos restantes astros cinematográficos. Ignora-se se êle passou alguns dias sem comer, para dar um aspecto mais abnegado à sua coragem e à sua súbita paixão pelas fitas, mas o que é certo é que foi parar aos estúdios da *Metro* em Nova York que por êsse tempo procuravam novos artistas. Entrou lá como tantos já haviam entrado e não sabemos de que artes mágicas se valeu para ser admitido, porque alguns depois era enviado para Culver City a trabalhar nos estúdios que aquela empresa ainda hoje ali tem.

Lá, observou aquela gentinha com a qual ia acamaradar e teve esta conclusão: o seu jovial temperamento mesmo um pouco mais excedido e desporto muito desporto caíam como sopa no mel. Mãos à obra pois.

Começou. Na vida particular: sorrisos, partidinhas agradáveis, audáciazinhas ligeiras e destaque nos jogos desportivos; no trabalho: o máximo de dedicação.

Foi a sua popularidade. O vulgar figurante, começou a tomar relêvo, a pôr-se em evidência e tornou-se um actor — o actor que hoje todos conhecemos.

Ao seu lado tem tido algumas das melhores e mais bonitas vedetas de Hollywood como Joan Crawford, a sua mais vulgar companheira (em *O Cadete de West-Point*, *O Novo Campeão*); Leila Hyams, (em *Jimmy o Misterioso e Cow-boy à força*); Anita Page, (em *Coração de Marinheiro*).

E aqui está, leitor, um superficial artigo sôbre um dos ídolos de tantas cinéfilas, feito à meza dum «bar» no intervalo de dois cálices de «Pôrto», tendo como base as notas do «carnet» dum cinéfilo amigo que se dá à pachorra de alimentar um minúsculo cadastro portátil das vedetas de nomeada entre nós. Do que êle se esqueceu, foi de anotar os desportos praticados pelo actor em questão. Mas não tem mal, porque deve praticar todos aqueles em que o temos visto no écran.

CARTA de PARIS

Os últimos filmes apresentados em Paris

les que até agora maior sucesso colheram, devo citar:

Pur Sang — Filme de origem americana no qual o exagêro de sentimentalidade — o que é também muito americano — nos faz viver a existência «sentimental» dum lindo campeão de raça cavalariço.

Clark Gable é o animador desta curiosa história, muito interessante se virmos as coisas sob o meu ponto de vista: a arte cinematográfica. (Bem entendido, Gable, o novo Valentino, não é o lindo campeão de que falei...).

Les Croix de Bois — A inesquecível obra-prima de Roland Dorgelès acaba de ser cinematografada para a grande firma Pathé Natan; a realização, assás difícil, foi confiada a Raymond Bernard. Devo confessar que êste notável encenador francês se saiu maravilhosamente da tarefa árdua a que deitou ombros, ajudado pelos prodigiosos actores que são Pierre Blancher, Charles Vanel e Gabriel Gabrio. O grande mérito do realizador foi de ter conseguido salientar tôda a fôrça de evocação aterradora que se desprende do volume de Dorgelès. Com cenas profundamente emocionantes, admiráveis de vigor e excessivamente trabalhadas até aos mais pequenos detalhes, com quadros que lembram duma maneira precisa as horas mais trágicas da nossa história contemporânea, Bernard conseguiu comover até ao mais alto gráu os espectadores do cinema do *Moulin Rouge*. Note-se que chegar a tal ponto não era empresa fácil porque devemo-nos lembrar que esta produção chega depois de *4 de Infantaria* e *A Oeste Nada de Novo*, que, apesar de tudo, se mantêm as obras-primas do género.

Ariane, jeune fille russe — Trata-se dum interessante estudo psicológico tirado do livro de Claude Anet. Filme teatral, composto com subtilidade, bem estudado, tendo a valorizá-lo a magnífica interpretação de Gaby Morlay e Victor Francen.

Vimos ainda *Ma Tante d'Honfleur*, encantadora comédia com Florelle, Gim Gerald e Jane Cheirel inspirada na obra de Paul Garault. Se nos concêrtes de música moderna se voltam a executar frequentemente as composições magistraes de Gustav Strauss, no cinema estão em moda as obras de Paul Garault porque depois de *La Petit Chocolatière* e *Ma Tante d'Honfleur*, temos agora *Un Coup de Téléphone*, um vaudeville divertido, alegre, amável. O grande comediante Jean Weber, cujo maravilhoso desempenho em *L'Aiglon* ainda está na mente de todos, distingue-se naquele filme, ao lado de Jeanne Boitel, Maricet, Colette Darfeuil, num papel que lhe fica admiravelmente.

Exibem-se ainda; *La Chauve Souris* com Anny Ondra (filme que vocês já viram em Portugal).

La Tragedie de Mayerling com Lil Dagoner e *La fille et le garçon*, de que eu já vos falei e onde vocês, rapazes, encontrareis de novo a vossa cada vez mais adorável Lilian Harvey e vocês ragarigas, voltareis a ver o simpático Henry Garat, que tamanha legião de corações femininos tem a seus pés... Mais tarde falar-vos-ei com vagar dum excelente filme que foi há pouco apresentado e cuja história se desenrola no meio da Legião Estrangeira. Refiro-me a *Le Sergent X* com Ivan Mosjoukine, Suzi Vernon e Jean Angelo.

Robert Kustner, empregado menor dos P. T. T., por causa dum mal entendido acha-se súbitamente senhor dum bilhete que lhe faz ganhar 10.000 francos. Sem tardar, abandona o escritório e vai — ou melhor a sorte o chama — às corridas. O pobre rapaz arruína-se, mas (infeliz ao jôgo, feliz ao amor) trava conhecimento com uma linda rapariga Helena Ponta, filha dum riquíssimo americano. Apesar da sua situação precária o rapaz quer fazer figura junto de Helena mas, para levar a vida, vê-se obrigado a aceitar o lugar de dansarino, no Pálace em que a rapariga está hospedada.

Tudo se descobre, com grande pesar de Robert que começa a ser tratado por Helena com frieza e indiferença. Mas as coisas arranjam-se e os dois combinam fugir. E só quando já estavam longe é que o rapaz se lembra que o pai de Helena lhe pedira que deitasse um telegrama importante. Felizmente êste esquecimento teve boas consequências, pois fez com que o rico americano ganhasse 100 milhões. Mas o americano é generoso e oferece a Kustner uma linda fortuna que lhe permitirá casar com a rapariga de seus sonhos.

Bastará dizer-se que se trata dum filme de Erich Pommer, interpretado por Kate de Nagy e Jean Murat, para se poder fazer uma ideia do valor de *Le Vainqueur*. E' bem certo que o cenário nada tem de extraordinário, a intriga mesmo é assás banal, mas é excelente o desempenho daqueles dois artistas à volta dos quais vemos Lucien Callamand, Pierre Brasseur, Margarite Templey e Gaston Jacquet. Por outro lado a «mise-en-scène» é primorosa, cuidada nos menores detalhes e a música e canções de Heymann e Jean Boyer contribuem para fazer dêste filme um espectáculo ao qual se assiste com o maior prazer.

Paris, Abril, 32.

G E O P O I R I E R .



Uma cena do filme «Croix de Bois»

ANNY ONDRA

EM «ANNY NO PARAISO» == == A R G U M E N T O

Entre a enorme legião de artistas que o cinema constantemente nos apresenta, há meia dúzia dêles que conquistaram em absoluto o agrado de todo o público.

Anny Ondra, essa bonequinha trepidante, cheia de jovialidade e graça, justamente está classificada nesse número.

Ainda há poucas semanas, a encantadora artista nos apareceu em «Anny na Alta Roda», já novamente vamos ter o prazer de a ver na sua última produção, «Anny no Paraíso», engraçadíssimo fono-filme falado e cantado em francês, «em que abundam deliciosos trocadilhos, suculentos efeitos hilariantes, e situações urdidas com engenho em volta dum incidente, que, de princípio a fim, mantém o público em constante gargalhada».

O fono-filme «Anny no Paraíso», que Castelo Lopes apresentou em Portugal antes de ser exibido nos principais centros cinematográficos de além fronteiras, pois trata-se duma película filmada êste ano, é apresentado na próxima segunda-feira no elegante cinema *Aguia d'Ouro*, onde obterá o sucesso que todos os filmes de Anny Ondra alcançou.

Eis, em resumo, o argumento de «Anny no Paraíso».

Casimir Bechue, guarda de noite numa loja de móveis, e sua mulher, criada da mesma casa têm uma filha adoptiva, Monique, que êles adoram. A jovem é costureira numa casa de modas. Uma noite, indo entregar um vestido a casa dum cliente, é convidada a jantar para preencher o lugar do décimo quarto conviva. Monique, com um vestido da dona da casa, é apresentada como uma rica herdeira, ao principal convidado, Allain Harris, um americano rico. Harris interessa-se demasiado por Monique e madame Fluet, a dona da casa, expulsa-a.

Harris procura encontrar-se de novo com Monique, e os esposos Fluet, compreendendo que para agradar a Harris é precisa a presença de Monique, convidam-na de novo. Após uma noite movimentada, Monique acaba por levar todos os convidados para sua casa, que, afinal, é o estabelecimento de móveis onde o pai exerce as funções de guarda. Pela manhã, a chegada de Bechue põe Harris ao corrente da situação. Este separa-se de Monique, censurando-lhe o procedimento.

Mas madame Bechue vai procurá-lo para lhe explicar como as coisas se passaram. E Harris, querendo experimentar o amor de Monique, declara-lhe que êle também lhe mentiu, pois não é Allain Harris, mas sim o seu chauffeur, Monique fica radiante e vai confessar tôda a verdade ao patrão, que outro não é senão o seu noivo...



A deliciosa Anny Ondra numa cena de «Anny no Paraíso».

PIERRE BATCHEFF

O homem que nasceu em Karbine, na Rússia, no ano de 1900, que se tornou célebre, numa arte que então mal balbuciava, que, no entanto, seria uma grande arte, deixou há dias de existir, e somente uma notícia de meia dúzia de linhas, ao fundo duma coluna de um jornal diário, dava ao mundo português tam infeliz acontecimento.

Pierre Batcheff, que no cinema francês conseguiu um lugar de destaque, começou por ser um simples operário decorador, cheio de sonhos de grandeza, esperando talvez que a sua estrêla se revelasse, se tornasse alguém no mundo, mais do que a vulgaridade da maior parte dos seres. Sonhava tornar-se um grande «metteur-en-scène», um dominador de massas cénicas, obedecendo ao seu mégafone imperativo. Todavia, o ano de 1923 corria como correm todos os anos e Batcheff limitava o seu sonho de grandeza, a colar rôlos de papel nas armações dos décors.

Mais tarde, um realizador que tinha necessidade dum intérprete para um papel de pouca responsabilidade fez-lhe a proposta de trocar o pincel da cóla pelo «baton» da maquillage. Batcheff aceitou, desempenhou três insignificantes papéis, e mais tarde, começou criando fóros de artista, quando interpretou um pequeno papel no filme de Marcel Mauchez, *Claudine et le poussin*, com Dolly Davis.

Batcheff julga-se então digno de mais, procura fazer melhor. Contratado por Georges Monca e Henry Keroul, desempenha o papel de um homem de cinquenta anos num drama intitulado *Autour d'un Berceau*. Desempenhava o papel dum homem com mais do dôbro da sua idade, o artista que parecia sempre novo no écran, enquanto Fernand Hermann, um quarentão, fazia de filho de Batcheff!...

Donatien compreende então que está ali um artista, confia-lhe um papel de envergadura em *Princesse Lulu* e *L'Herbier*, aproveita-o na realização da obra de Pirandello *O Defunto Matias Pascal*.

Eram já confirmados e auspiciosos os sucessos de Batcheff; atinge o seu apogeu, depois de ter interpretado *A Terra da Promissão* de Henry Roussel; em *O Jogador de Xadrês* onde, com Charles Dullin e Pierre Blanchard, cria um renome que o vai tornando cada vez mais notório. Tem a seguir nova corôa de louros na versão de Henry Frescourt de *O Conde de Monte Cristo*. Cria ainda papéis de destaque em *Os Dois Tímidos*, de René Clair, *A Sereia dos Trópicos* com Josephine Baker e *Napoleão*.

Começava entretanto a raiar a nova aurora do cinema, o sonoro, e Batcheff interpreta o seu último filme mudo *Le chien andalou*, que pelo seu extraordinário realismo, foi assobiado e pateado em Montmartre. Não surpreendeu o artista a nova rotina dos filmes; não foi como muitos outros atirado para o esquecimento, depois duma popularidade notória.

Assim, lança-se na carreira do sonoro, filma *Le roi de Paris*, as versões francesas e alemãs de *Amores da meia noite*, *O Rebelde* e *Vinte e quatro horas da vida duma mulher*.

Mais não produziu para o fónocinema; acalentava ainda a esperança de se tornar um grande «metteur-en-scène»; mas a morte implacavelmente acaba de ceifá-lo, e dentro em breve Pierre Batcheff

não é mais do que um nome a enegrecer as páginas dos catálogos dos distribuidores de filmes.

Pierre Batcheff era um dos artistas dos quais não se podia dar idade. Rodassem por êle os anos, parecia sempre novo, sempre jovem. Sômente no seu sorrir havia um enigma doloroso, como que duma vida forçada. Esse sorriso, não era mais talvez do que a consciência da sua doença, a certeza da ironia do seu viver, esperando sempre, que a morte inesperadamente o ceifasse como ceifou. Batcheff, cuja biografia é vulgar, quási apagada, sem rasgos e sem aventuras como aquelas que cotidianamente nos impinge a publicidade americana, tinha como todos os artistas de cinema o seu infinito número de admiradores e talvez mais justamente do que muitos outros, a quem os dólares seduziam, e que a publicidade lançou.

A cinematografia francesa, perde com êle um dos seus melhores galãs, que enfileirava ao lado de Garat, Roanne e muitos outros. A sua doença não lhe permitia um bulício extraordinário, lançando-se por isso, por conveniência própria, num esquecimento que lhe era salutar.

Os seus papéis embora bem interpretados, criados com consciência, tinham sempre a prejudicá-los a máscara triste do artista. Batcheff tinha doente, um dos mais preciosos órgãos da vida, o coração. Foi êsse mesmo, que traiçoeiramente o matou; era um cardíaco, bastante adiantado.

Procurava sempre tornar os seus personagens o mais reais possível; quando interpretou a versão alemã de *Amores da meia noite*, pouco conhecendo de alemão, viu-se forçado a estudar as réplicas, a fim de não melindrar, com a pronúncia os espectadores alemães. Tinha horror às operetas do cinema, porque dizia criarem ao espectador um ambiente de irrealdade que lhes tornava ainda mais a vida insuportável, devido ao contraste entre o sonho e a fantasia.

Este artista que deixa o mundo com 32 anos, cria um vácuo a mais na cinematografia francesa, já depauperada pelas constantes evasões de artistas seduzidos pelo vélo de oiro americano.

Talvez que se se tivesse dedicado à realização, tivesse dado o seu elevado temperamento artístico, algo de notável à cinematografia gaulesa.

Mesmo assim, a perda dêste artista, representa algo de notável na cinematografia. E', ao notarmos o excessivo laconismo dos jornais diários, consagrando apenas quatro linhas a um artista que brilhou, que desta forma, prestamos homenagem à memória do homem, do qual embora os vermes corrompam o corpo, ficará a fama e renome, a marcar acentuadamente o seu papel de passagem neste mundo, onde não foi mais que um fogacho, mas de luz bem viva, bem marcante que o levou a atingir uma finalidade definida. Quer no cinema silencioso, quer no cinema falado, Batcheff bem mereceu o nome de artista; agora, corrida a lousa sôbre o seu túmulo, que os homens não o lancem num tão profundo esquecimento, do qual tão indigno seria quem bem mereceu na Sétima Arte.



Pierre Batcheff

Revista aos filmes da semana

por ALVES COSTA

Traição Entre as melhores películas apresentadas no decorrer desta época, *Traição* conquista, pelo seu valor verdadeiramente excepcional, um lugar elevado e de destaque. E — o que não é para desprezar — as boas produções já não são assim tão poucas para que essa conquista tenha sido facilitada por falta de concorrência ou de filmes para confronto.

Traição não é uma obra que se possa analisar cuidadosamente, pedaço a pedaço, sem ter sido vista mais do que uma vez, e eu estou escrevendo vinte e quatro horas depois da primeira exibição. Todavia, uma única visão chegou para eu poder avaliar largamente os incontestáveis méritos deste filme, carpintado com mestria, esmerado em todos os detalhes, composto numa harmonia visual nunca desmerecida por uma nota em falso.

Imagens cinzentas, perpassando por tôdas as combinações que o negro-e-branco pode sofrer; imagens fortes, violentas, incisivas, sucedendo-se agora céleres, num « presto » movimentado, logo mais lentamente num curto « andante »; imagens bem medidas, bem afinadas, movimentando-se num ritmo cinematográfico perfeito; imagens que já não são vulgares fotografias ilustrando uma história palrada por actores que não se deslocam; imagens que são cinema, e formam, como notas duma composição inspirada, um filme que nos prende e nos faz vibrar.

O argumento, uma história humana onde se debatem os instintos primários do homem, já por si encerra interesse e está bem cenarizado. (Dantes os filmes europeus pecavam em grande parte por deficiências de cenarização, incorrigíveis na montagem; mas os directores europeus ponderaram e agora quando querem fazer bons filmes têm o bom-senso de construí-los sobre bases bem feitas, porque, afinal, o cenário é o alicerce dum filme). E dêsse argumento Robert Siodmack extraiu o máximo, traduzindo-o em imagens das mais belas.

Estou a gostar de Robert Siodmack. Pela direcção de *Tumultes* merecia um abraço, um grande abraço que eu lhe daria de bom gosto se êle não estivesse tão longe. Palavra!

Há em *Traição* detalhes a anotar: a chegada de Raph a casa, seguida duma série de quadros focando ora de baixo, ora de cima as vizinhas falando de lado para lado para saberem do ocorrido; a cena na cama com Florelle e Boyer quando êste lê o correio; a festa; a perseguição e a luta de Raph com o fotógrafo. Repararam na aceleração de ritmo? Conforme a luta se torna mais violenta, mais rápidas são as imagens, mais forte é a música, mais intenso é o fogo de artifício. Há um momento máximo, um « fortíssimo », quando um dos homens é atirado pela janela, mas logo que as águas do rio em que êle caiu se acalmam, uma pausa justíssima finaliza o « andamento ». Este é um dos melhores fragmentos do filme. Há outro ainda: aquele em que Ralph aparece súbitamente em casa quando Ania e a amiga esperam Willy. Que potencial emotivo se não desprende destas cenas! As últimas imagens não são menos bem manejas, desfilando lentamente depois dum momento de violência brutal.

Se Siodmack foi feliz na realização e na montagem de *Traição* e se a êle devemos tecer elogios — a êle e ao « cameraman » Gunter Rittau — não podemos deixar de enaltecer o trabalho extraordinário de dois grandes artistas: Florelle e Charles Boyer. Florelle surpreendeu-me. Em cada palavra, em cada gesto, em cada olhar, revela um estado

anímico, um pensamento, descobre todo o sentir mais íntimo do personagem que encarna. Reparem na emoção que empresta à canção « je t'aime ». Reparem na cena da chegada de Ralph. Reparem na cena da prisão. Uma grande artista esta Florelle!

E Boyer? Não fica atrás de Florelle. A sua máscara expressiva, a sua entoação natural, convenientem, impressionam, comovem. Um grande actor êste Charles Boyer!

Só uma coisa me desgostou quando vi *Traição*: o público rindo-se parvamente nos momentos mais vibrantes.

O Tenente Sedutor Um filme « para público », como é costume dizer-se, muito espalhafatoso como Lubitsch os costuma fazer e muito pretencioso como é costume, também, serem as chamadas produções de luxo americanas.

Vocês querem saber que eu, ao ver *O Tenente Sedutor*, recordei com saudades o delicioso *Sonho de Valsa* de Ludwig Berger, que em 1927 passou no Olympia, com Mady Christians, Willy Fritsch e Xenia Desni nos principais papeis? Era um filme mudo, que não tinha a recortá-lo a linda música que enriquece esta nova produção extraída da mesma fonte, que não tinha esta grandiosidade de « décors », que não tinha a veleidade de ser grande nem de espantar ninguém, mas era um filme cheio de poesia, delicado, adorável. *O Tenente Sedutor*, que é grande, que tem a servi-lo uma boa técnica muitas vezes prejudicada pelas exigências da opereta-fonofilmica, que possui uma linda partitura, que tem Lubitsch — que não é nenhum tólo mas cujo nome também não me assusta — como director, deixou-me frio. Eu ri-me com algumas situações pândegas (como aquela da lição de piscadelas de olho), eu achei muita graça ao Chevalier, eu gostei de alguns quadros de grande beleza visual, mas fiquei frio, que querem? E o Sr. Lubitsch que me perdoe, mas há duas canções mesmo metidinhas a martelo... E isto de estar a ouvir o Chevalier a torto e a direito — por muito boa disposição que a sua graça incontestável nos insuffle — já deu o que tinha a dar... em cinema.

Vocês hão de estranhar que eu sendo às vezes benévolo para com certas produções simplezinhas, me vire tão atrevidamente para o colosso do Lubitsch e mais as suas produções de luxo. Mas é que eu acho que devemos ser menos severos para com aqueles que são modestos e têm menos responsabilidades, do que para com homens de talento que vão descendo desde os *Leques de Lady Margarida* até aos *Tenentes Sedutores*, ao sabor das necessidades da bilheteira...

Mas Vocês não fiquem com má impressão. *O Tenente Sedutor* é um filme amável, que dispõe bem, que agradará a quasi tôda a gente e que vos fará vir para casa a cantar Tá, tá, tá, tá, tá, tá... como o maroto do Niki...

O Rei da Sorte Um filme muito fraquinho como afinal são quasi todos os filmes franceses, Porque a maioria dos bons filmes « franceses » é feita por... alemães.

(E os franceses que são tão patriotas ainda não tiveram vergonha...)

Uma história insípida interpretada por Victor Boucher, que deve ser um bom actor de teatro e por Dolly Davis, que se sorri tôda e que revela uma voz engraçadinha. Direcção deficiente. Má sonorização.

Américo Gomes— Ainda não vi *Dois corações a compasso* porque esse filme não passou ainda no Pôrto. Lilian Harvey mora em Berlim—Wilmerstr., 27, Alemanha.

Monsieur Satão— Monsieur quê?? Na verdade diz-se para aí por todos os cantos que Greta Garbo vai abandonar o cinema. Mas como já estão a dizer isso há uma porção de tempo eu desconfio que a misteriosa sueca não abandona coisa nenhuma? E' tudo uma questão de notas. Parece que Greta Garbo pediu uma conta fabulosa de ordenado semanal. Mas a «Metro» abriu muito os olhos, engasgou e resolveu não ir nisso. Então Greta, com a sua voz de general reformado, explicou que aquilo era negócio de pegar ou largar, e olhando de lado para os magnates das finanças da empresa a que pertence ameaçou-os de partir, ela e mais o seu «sex-appeal», para a Suécia...

Reina grande consternação em Hollywood... mas, naturalmente, pondo mais uns dollars daqui, tirando mais uns dollars dali, tudo se arranjará no melhor dos sorrisos. E um jornal francês, referindo-se a este caso diz: «não há crise entre as vamps... E procura-se descobrir e amortecer a crise do espectáculo...»

Loira... mas não calouira—Obrigado por esse rosário de gentilezas com que ornou sua carta. Nós não merecemos tanto. Eu já comecei a fazer vida ao ar livre, sempre que posso. O peor é que o tempo não me tem ajudado. Noutro dia andei fazendo «campismo» em trajos quasi paradisíacos e... constipei-me. Não se admire de eu às vezes dizer que não vi certos filmes estando eles a passar nas telas dos cinemas portuenses. E' que eu costume responder aos meus correspondentes conforme as cartas deles me vêm chegando, mas as respostas só são publicadas uma semana depois de eu as escrever em virtude da aglomeração de correio.

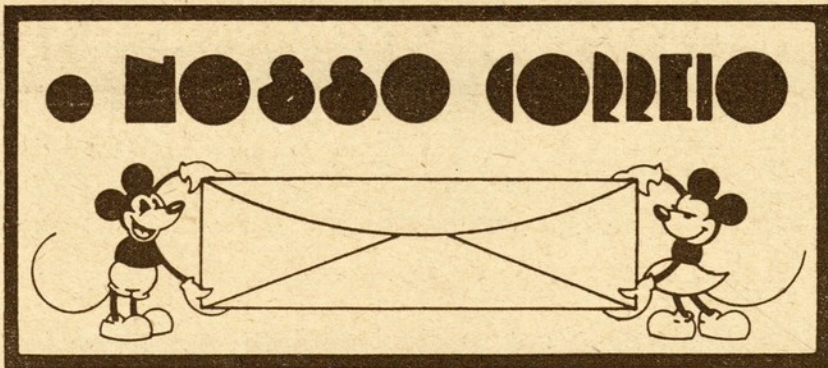
Fran-Sysko—A sua carta fez-me rir, mas... mas não tem resposta. O que não quer dizer que está proibido de voltar a escrever-me outra série de maluquices.

Xaço-Velho—Obrigado pelo seu voto! Logo pela primeira vez que Você me escreveu vejo-me obrigado a dar-lhe o desgosto de não lhe poder responder, porque neste momento não sei onde pára o artista por quem pergunta. Tenha paciência. Talvez mais tarde o possa informar.

Sim senhor, escreva quantas vezes quiser, terei nisso muito gosto. O abraço para o Douglas Faz... Bankos já vai a caminho de Lisboa. Por êle, muito obrigado.

Eduardo D. Rêgo—Não tem absolutamente nada que me agradecer. Eu não estou aqui senão para atender os pedidos e desejos dos nossos leitores. Não hesite nunca quando quiser escrever-me. Conte sempre com a minha boa vontade em lhe ser agradável.

Não sei quem são os protagonistas da fita a que se refere pela simples razão de nunca ter visto tal filme. Ita Rina: Wilmerstr. bis strasse, 98, Berlim, Alemanha; Betty Stockfield: ao cuidado da B. I. Pictures, Wardour St., London W. 1, Inglaterra; as outras direcções não sei, presentemente. Quando voltar a escrever-me, diga-me que filmes tem visto aí em Ponta Delgada.



Guilherme Costa—Obrigado por esses abraços todos! A direcção de Kay Francis é: Warners-First National Studios, Burbank, Calif. U. S. A.; Claudette Colbert recebe correspondência no Paramount New-York Studios, Long Island City, New-York, U. S. A.

Viva o Cinema Português!—Viva! Já está constituída uma empresa produtora de filmes so-

noros, que nos merece confiança em face dos nomes que a animam. Todos podemos ajudar a realização dos seus intentos, comprando accções, que nem tão caras são. Quem não pode dispôr de 50\$00? A *Invicta*, e cada um de nós individualmente, já demos a nossa adesão. Acho que fará bem seguindo-nos o exemplo. Eis a resposta à sua carta.

Villas Boas—Lamento que tenha estado doente da garganta. Olhe se você era cantor!... Uma secção de charadas numa revista de cinema dizia tão bem como uma gravata encarnada num sujeito vestido de preto...—Já conhecia a sua anedocta.—Volte a aparecer. Estimo que vá indo melhorzinho.

Uma lisboeta—Têm a certeza de que é esta a primeira vez que me escreve? Eu hei-de dizer que já li algures a sua letra. Muito obrigado pela assiduidade com que nos lê... e já que começou a escrever-nos creio poder esperar, também, que você venha assiduamente visitar-nos, epistolarmente bem entendido. Obrigado pelo seu voto. Eu também escolhi essa artista que você preferiu. Onde é que há mais encanto, mais frescura, mais mocidade? O artista, cuja direcção pede, está actualmente «free-lancing» por isso não sei onde pára. Volte a perguntar mais tarde, se não fôr muita maçada para si.

Victor Veres—Você têm carradas de razão. A sua assinatura está de facto paga até ao número 188 (cento e oitenta e oito). Naturalmente fui eu que me enganei ao escrever, trocando um 8 por um 6. Não temos já os exemplares que pede. Mande sempre.

Um futuro médico—Eu vou indo admiravelmente, graças ao Diabo. E você? Com que então muito atarefado, hein? Estudos ou... mulheres?... Bom, vamos ao que importa. Jeanette Mac Donald está à espera da sua carta na Paramount Publix Studios, Hollywood, Califórnia, U. S. A. E' possível que *A Parada do Amor* seja exibida mais uma vez; quando, é que não posso saber. Se leu o número anterior já sabe a minha opinião sobre *Sevilha de meus Amores*. Obrigado pelo abraço. Apareça sempre que queira.

Cinéfilo debutante—Sobre cinema russo têm dois livros de valor: *Cinéma Sovietique* de Léon Moussinac e *Film Problems of Soviet Rússia* de W. Bryher. O primeiro talvez o encontre cá, em alguma livraria. O segundo, que é carote (custa 6 xelins), só mandado vir da casa editora («Pool», Litchfield St., London W. C. 2). Os casos que aponta são frequentes. Você já sabia que o filme de Rouben Mamoulian, *Ruas da Cidade*, foi adquirido para servir de «filme-lição» aos alunos do *Tecnicum* cinematográfico de Moscovo? Os russos trabalham nestas coisas de cinema e trabalham a sério, acredite. Obrigado pelo seu voto para a eleição da nossa madrinha.

A M O K

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 30 de Abril de 1932.

O L Y M P I A

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 28 de Abril ou 30 de Abril de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 30 de Abril de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

Cinema Português

(Continuação)

Tencionamos produzir também um filme que tenha por motivo o Pôrto. A sua terra, que ainda não foi cinematograficamente aproveitada, interessa-nos sôbremaneira.

Produziremos talvez um grande filme sôbre o Vinho do Pôrto.

Faz parte da nova sociedade, um bom portuense: António Maria Lopes. E' num terreno dêste que vai ser construido o estúdio, e êle é um dos nossos principais capitalistas.

Por tudo, portanto, olharemos o Pôrto como êle merece.

Tenciono ir a Paris daqui a um mês, ultimar algumas coisas necessárias, e devemos principiar a trabalhar activamente dentro de dois meses, para que o nosso primeiro filme seja estreado ainda em Novembro dêste ano.

Os nossos aparelhos de tomadas de sons são próprios para funcionar quer dentro do estúdio, quer ao ar livre.

Dispomos além disso de camiões que permitem a sua rápida deslocação, de modo que tencionamos, logo de principio, fazer uma viagem de propaganda. Desde já lhe asseguro que depois de Lisboa, o nosso camião se dirigirá ao Pôrto, onde ainda êste verão hão-de ser feitas algumas tomadas de vistas e de sons para os nossos primeiros trabalhos.

—Contam aproveitar, como intérpretes alguns nomes conhecidos?

—Certamente. Beatriz Costa, Clara Batista, Dina Tereza, Augusto Costa, Vasco Santana, A. Silva, Alegrim, serão devidamente aproveitados, Tenciono também lançar Manoel de Oliveira como intérprete. O seu conterrâneo tem qualidades físicas esplêndidas, que devem ser aproveitadas.

Contamos além disso com essa legião formidável de novos cuja única preocupação é fazer cinema. Todos serão, todavia, previamente experimentados, para que não se registem fracassos, e você sabe tão bem como eu, que um fracasso era o pior que nos podia acontecer.

Além disso, estou convencido de que se nós agora não conseguirmos organizar uma produção regular, nunca mais existirá cinema em Portugal.

Leitão de Barros fala ainda dum intercâmbio cinematográfico com o Brasil, refere-se aos mercados espanhol e brasileiro, demonstra inteligentemente as probabilidades que os portugueses têm de superar aqueles dois povos na realização de filmes.

Tínhamos chegado à entrada do Liceu Camões. Leitão de Barros falára ininterruptamente durante perto de meia hora, contára-me tudo isto que vocês ansiavam por saber, referira-se entusiasticamente ao Pôrto, mostrára uma enorme confiança no futuro do cinema nacional.

Eu nada mais queria, de modo que me despedi, certo de que já tinha muitas coisas para vos contar.

Lisboa, Abril, 1932.

F E R N A N D O .

A seguir ao filme «Traição», o Cinema Aguia d'Ouro, apresenta «Luzes de Buenos Aires», com o famoso cantor argentino.

Tourjanky, vai produzir para a *Films Osso* «O Hotel dos Estudantes», argumento de Henri Decoin.

A estreia de Luzes da Cidade

Dentro em breve, estreia-se em Lisboa o Célebre filme de Charlot, «Luzes da Cidade».

Esta grande produção, segundo nos consta, será apresentada ao público do Porto no mês de Junho pelo Cinema Aguia d'Ouro.

As últimas notícias

Maurice Tourneur começou a filmagem de «Gaités de l'Escadron».

Segundo noticiam alguns jornais alemães chegados ontem a Portugal, faleceu, há dias, o artista cinematográfico Betty Amann, que vimos ultimamente no filme «O Diabo Branco».

A seguir ao filme «Anny no Paraiso», o Cinema Aguia d'Ouro apresentará «As Luzes de Buenos Aires», com o famoso cantor argentino Carlos Gardel. Esta produção é esperada com grande interêsse, embora a Paramount e o Cinema Rivoli, de Lisboa, lhe tivessem feito uma fraca publicidade.

O elegante «Teatro Constantino Nery», de Matozinhos, inaugurou, há dias, um novo aparelho de reprodução de filmes sonoros o qual tem dado ótimos resultados.

NA CAPA:

Sofia Bozan, uma das principais intérpretes do super-fonofilme «Luzes de Buenos Aires», que brevemente se estreia no Aguia d'Ouro.

A CASA QUE MELHOR
CAFÉ VENDE É A
LOJA DO JAPÃO

Especialidade em CHÁ, CAFÉ
e GÊNEROS COLONIAIS
MERCEARIA FINA

Vendas por junto e a retalho

Largo da Cancela Velha, 15 a 19
PORTO

Quia d'Ouro

apresenta na próxima
segunda-feira, dia 25,

a insinuante artista
ANNY ONDRA

em

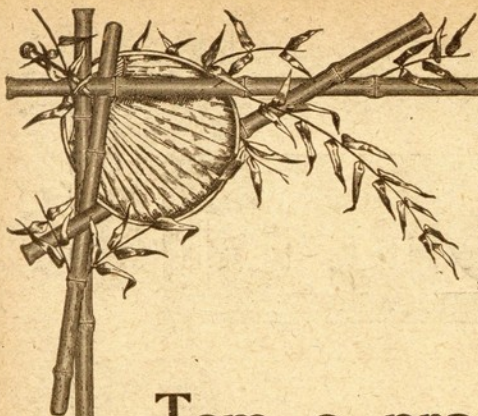
ANNY NO PARAISO

um super-filme de 1932,
falado em francês, cheio de
situações hilariantes, que
mantem o público sempre
em constantes gargalhadas.

REALIZAÇÃO

DE CARL LAMAC E PIERRE BILLON

Programa Castelo Lopes



CASTELO LOPES

LIMITADA

Tem o prazer de comunicar
aos Srs. Emprezaários e ao
público em geral que
acaba de adquirir os
direitos de exhibição
de



LUZES DA CIDADADE

O famoso
super-filme de

Charlie Chaplin
(CHARLOT)

que em todo o mundo tem
obtido enorme successo e que
é anciosamente aguardado por
todos os cinéfilos portugueses.

